

OPINIÃO

DEANS' CORNER

Os grandes temas da atualidade nacional e internacional e as tendências da gestão analisadas pelos diretores das principais Escolas de Negócios portuguesas. Escrevem Filipe Santos, João Duque, José Esteves, José Crespo de Carvalho, Maria de Fátima Cario-ca, Pedro Oliveira e Rui Souca-saux Sousa.



JOSÉ CRESPO DE CARVALHO
Dean do Iscte Executive Education

1.º ciclo do ensino superior: precisamos de internacional!

Com uma pirâmide etária envelhecida, é imperativo que Portugal abraça a juventude e a diversidade que estudantes internacionais podem trazer, devolvendo vida e vitalidade às instituições de ensino superior. Há quem já tenha tido a visão. A maioria, porém, vai pagar esta ausência de visão apenas com dor. Porque as redes internacionais demoram anos a construir. E precisamos delas também no primeiro ciclo.

1. Cores além-fronteiras: num mundo conectado, as universidades não podem limitar-se às fronteiras geográficas. Atraindo estudantes de diferentes continentes, Portugal pode criar um verdadeiro puzzle de culturas, mentalidades e criatividade, enriquecendo o ambiente académico em geral. Se isto é válido para os mais velhos, desenhar um roteiro também para os mais novos (primeiro ciclo) é fundamental.

2. Ressuscitar a procura: para revitalizar a procura no ensino superior, a presença de estudantes internacionais pode conter o declínio natural jovem (e não só), garantindo a vitalidade das universidades portuguesas.

Precisamos de uma política aberta de admissões de estudantes internacionais para o primeiro ciclo (e segundos e terceiros ciclos), que seja clara, coerente e progressiva com o que nos mostra a nossa pirâmide etária.

3. Economia pintada a cores vivas: o impacto económico dos estudantes internacionais não pode ser subestimado. Numa altura de subfinanciamento generalizado do ensino superior há que olhar para a propina "overseas" como um benefício de financiamento que deve estar nas nossas mãos. Essa busca de ensino internacional traz igualmente externalidades que são vantajosas para o geral da economia.

4. Mestres da sustentabilidade: construir programas académicos atraentes e oferecidos na totalidade em inglês e versando temas e formatos atuais permitirá a Portugal posicionar-se como mestre da sustentabilidade, não apenas em termos ambientais, mas também na sustentabilidade (garante da continuidade) de um fluxo contínuo de estudantes e recursos (hoje escassíssimos em termos públicos) para as universidades.

5. Os "rankings" globais: imagine-se agora um "ranking" global pintado com o brilho das universidades portuguesas subindo nas classificações (QS, Xangai, FT, e por aí fora). A presença de estudantes internacionais traz novas dimensões às instituições, aumentando a sua visibilidade, o seu prestígio e o seu posicionamento enquanto polo de atração.

6. Leque de inovação: a diversidade de ideias proveniente de estudantes internacionais é como um quadro de cores para a inovação. Misturando tradições académicas diferentes, culturas diferentes e pessoas com experiências totalmente diferentes, Portugal pode criar uma obra-prima de novas abordagens educacionais e reposicionar-se no mapa mundo. Já o fez nos descobrimen-

Saibamos sair de Portugal ou trazer o exterior para dentro do nosso país. O quanto antes. Senão, quando o tentarmos fazer, será certamente com muita dor!

tos. É preciso redescobrir a vocação multicultural também nas universidades.

7. Ameaçando o monstro da estagnação: com uma população envelhecida, há o risco dos monstros da estagnação, da endogamia, do olhar apenas para o umbigo e do desconhecimento do que se passa com as várias dinâmicas internacionais, se infiltrarem e apoderarem do que resta das universidades.

8. Semeando parcerias globais com futuro: as sementes plantadas pelos estudantes internacionais podem crescer em colaborações internacionais duradouras. Mais tarde, se satisfeitos, transformar-se-ão em redes de investidores.

9. Reimaginando a identidade académica com ajuda da nossa diplomacia: com uma diversidade de estudantes internacionais, as universidades portuguesas podem repensar

a sua identidade académica, tornando-se destinos desejados para uma educação de qualidade e uma experiência única. Faltam-nos claramente uma diplomacia global, económica, que perceba o futuro do país universitário e desmonte as burocracias menores que não nos ajudam a redesenhar o ensino superior.

10. Traçando o amanhã: neste panorama em que as gerações mais jovens serão cada vez mais escassas, o ensino superior internacional é o caminho que fará a diferença. Um caminho que não só salva e sustenta o ensino superior como também cria um quadro de esperança e prosperidade.

No mais, podemos iludir-nos com todas as notas de corte e entradas no ensino superior. Mas estamos a pintar o nosso próprio futuro a cinzento. O nosso futuro não está aqui, está fora. Saibamos sair de Portugal ou trazer o exterior para dentro do nosso país. O quanto antes. Senão, quando o tentarmos fazer, será certamente com muita dor! ■



iStockphoto